

Lexicalização e gramaticalização

processos independentes ou complementares?

Therezinha Barreto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARRETO, T. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 407-416. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?

Therezinha BARRETO
Universidade Federal da Bahia
PROHPOR

Encontra-se, na literatura linguística, uma considerável discordância a respeito da linha divisória entre os processos de gramaticalização e lexicalização.

A lexicalização, em alguns casos, é considerada um estágio final da gramaticalização. Muitas vezes, porém, é confundida com ela, e fenômenos idênticos são explicados por autores diversos, como casos de lexicalização ou gramaticalização. Na verdade, o interesse em expandir o processo de gramaticalização, responsabilizando-o por diferentes tipos de mudanças em línguas diversas determinou o surgimento de dúvidas a respeito dos limites do referido processo, da necessidade de definir até que ponto se pode considerar um determinado processo de mudança como gramaticalização e de ressaltar que traços podem ser apontados como realmente peculiares ao processo.

Como salientam Brinton e Traugott (2005, p. 2), nos últimos anos, a relação entre lexicalização e gramaticalização vem sendo frequentemente questionada. Os dois termos vêm sendo empregados com referência a fenômenos analisados do ponto de vista sincrônico ou diacrônico, a processos ou resultado de processos ou ainda a construtos teóricos que modelam os fenômenos.

Lehmann (1995 [1982], p. 6) aponta Jakobson como o primeiro a formular uma oposição entre os processos de lexicalização e gramaticalização, caracterizando a lexicalização como um processo opcional e a gramaticalização como um processo obrigatório. Desde então, os dois processos vêm sendo explicados como totalmente independentes ou como atuando em conjunto.

O autor restringe a lexicalização ao processo segundo o qual uma forma linguística se torna lexical, isto é, passa a pertencer ao inventário de uma língua, tornando-se holística.

Contudo, considera impossível entender a lexicalização ou a gramaticalização sem levantar hipóteses, não só acerca da gramática e da sua relação com o léxico, mas também acerca da dinâmica da mudança linguística. Define a gramática como constituída por signos formados regularmente que podem ser tratados analiticamente e o léxico como constituído de signos que são formados irregularmente e tratados holisticamente. Como componente sincrónico da faculdade da linguagem, o léxico abrange uma lista finita de formas (itens lexicais), e as várias possibilidades de combinação dessas formas, as quais, pertencendo ao acervo linguístico do falante, podem ser usadas em qualquer oportunidade. O léxico contém irregularidades e distingue-se da gramática, que obedece a um conjunto de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Lehmann observa que **lexical** significa: 1) ter um sentido concreto específico; e 2) pertencer ao inventário de palavras de uma língua, enquanto **gramatical** pode referir-se a 1) estar em conformidade com as regras da gramática e 2) ter um sentido abstrato e funcional.

A lexicalização refere-se à adoção de um determinado termo pelo léxico de uma língua, como uma formação usual, constitucionalizada. Nesse sentido, o léxico é entendido como o inventário de formas lexicais e gramaticais, uma vez que, como explicam Brinton e Traugott (2005), a adoção pode ser do léxico, da morfologia ou da sintaxe. Assim, todas as mudanças no inventário de formas da língua — tanto as provenientes de um processo de lexicalização, como as que se originam de um processo de gramaticalização — são formas adotadas pelo léxico.

Se a lexicalização se refere à adoção de termos pelo léxico de uma língua, então todos os empréstimos e processos de formação de itens lexicais poderiam ser considerados processos de lexicalização: a composição, a derivação, a elipse, e outros processos. Brinton e Traugott (2005, p. 33) citam ainda o processo de conversão, definindo-o como a mudança funcional de uma categoria para outra:

N > Adj V > N

o que ocorre quase sempre por um processo metonímico. Como explicam os autores, questiona-se se tais conversões são realmente exemplos de lexicalização, embora Blank (2001) considere que sim, afirmando serem processos comuns em línguas crioulas.

Também alguns autores consideram exemplos de lexicalização transferências do sentido convencional, etimológico das palavras para outros sentidos, por um processo metafórico, o que gera a polissemia. Essa alteração de sentido, entretanto, é denominada por Hopper e Traugott de semanticização.

Entendida desse modo, a lexicalização englobaria o processo através do qual novas entidades linguísticas – quer sejam simples ou complexas, ou simplesmente novos sentidos para palavras já existentes – são convencionalizados no nível do léxico.

A gramaticalização, por sua vez, é definida como o processo segundo o qual itens lexicais com referências extralinguísticas desenvolvem significados gramaticais ou itens já gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. A gramaticalização parte do léxico em direção à gramática, abrangendo mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Do ponto de vista semântico, os processos de gramaticalização, na sua maioria, envolvem uma metaforização, isto é, a passagem de um conteúdo concreto para outro mais abstrato, o que é explicado a partir da hierarquia estabelecida por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 157):

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Assim, itens lexicais que denotam o domínio conceptual de **pessoa** podem desenvolver, por abstração metafórica, um novo sentido em um dos demais domínios à direita do *continuum*, o mesmo ocorrendo com qualquer outro domínio da hierarquia.

Segundo Cabrera (1998, p. 211), lexicalização e gramaticalização são dois aspectos complementares de um único tipo de mudança para itens lexicais ou gramaticais; são processos semanticamente caracterizados, utilizando-se um único conceito de hierarquia, o da abstração metafórica, proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), anteriormente exposto:

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Enquanto a gramaticalização se processa seguindo esse contínuo em direção a uma abstração cada vez mais acentuada, a lexicalização se processa, como explica o autor, em sentido contrário, refletindo processos concretos, metonímicos. O autor afirma que os processos de gramaticalização podem alimentar os processos de lexicalização. E cita, como exemplo, o particípio presente latino que, passando às línguas românicas, se gramaticalizou como adjetivo, tornando-se uma qualidade e não mais um processo. Passando a ser empregado como um substantivo, experimentou o movimento inverso, de qualidade > pessoa e, conseqüentemente, uma lexicalização.

A hipótese da unidirecionalidade apontada como um dos maiores axiomas da teoria da gramaticalização, segundo o autor, ocorre também na lexicalização, pois a evolução da língua é bidirecional, englobando gramaticalização e lexicalização.

Assim, como explica o autor, o conceito de “adoção no léxico” é útil para referir-se ao resultado sincrônico da mudança; contudo, levando-se em consideração que o léxico não é homogêneo, contendo formas produtivas ou não, torna-se necessário distinguir a lexicalização no sentido restrito e a gramaticalização, o que impõe a distinção entre **léxico** e **inventário**. Os tipos de adoção no inventário de uma língua podem ser frutos de lexicalização ou gramaticalização, dependendo da função do item adotado. Quanto aos processos produtivos de formação de palavras, operam fora do léxico, sendo independentes da

lexicalização, que se refere a formações semiproductivas, isto é, que atuam mais ou menos regularmente. Os autores excluem da lexicalização os processos regulares de formação de palavras, afirmando que ela se refere:

1. à fusão de frases acompanhadas de idiomatização;
2. à fusão de compostos;
3. ao resultado de um processo de fonogênese;
4. à criação de afixos semânticos que não produzem a recategorização.

Meillet (1912, p. 131) chama atenção para o fato de que todos os itens gramaticais têm origem em itens lexicais, o que significa dizer que o léxico alimenta a gramática, enquanto os elementos gramaticais, nos seus últimos estágios, podem desaparecer ou sobreviver como elementos fonológicos.

Ao mesmo tempo, o resultado de um processo de gramaticalização pode ser um novo lexema, uma nova unidade forma/sentido e não uma sequência fonológica desprovida de conteúdo semântico.

São, assim, propriedades da gramaticalização:

- a) partir de itens lexicais, em direção à gramática;
- b) obedecer a uma hierarquia de abstração metafórica;
- c) alimentar a sintaxe da língua e afetar o léxico.

A gramaticalização e a lexicalização são, pois, dois processos de mudança linguística considerados distintos por alguns autores, entretanto, como se pode observar, entre os dois processos, há traços comuns.

Meillet cita, por exemplo, *heute*, 'hoje' < *hiu tagu* como um exemplo de gramaticalização. Essa análise é, contudo, rejeitada por Hopper e Traugott (1993, p. 23), que veem a unificação de *hiu tagu* como exemplo da emergência de um novo item lexical, assim como Ramat (1998, p. 121-2), que afirma ser um processo de lexicalização que, entretanto, ocorre após a gramaticalização. Tem-se, então, o movimento:

léxico → gramática → léxico

O autor vê, nesses casos, exemplos de gramaticalização e lexicalização, afirmando não serem nítidos os limites entre unidades lexicais e gramaticais.

No que concerne aos sufixos, a divergência de análise é evidente. Hopper e Traugott (1993, p. 23) citam os sufixos *-by*, *-hood*, *-dom* como exemplos de reanálises que deram origem a sufixos produtivos. Citam o sufixo *-ment*, do francês, como um caso de gramaticalização, isto é, de um sufixo proveniente de um item lexical independente. Lehmann (1995) aborda casos do tipo *-ly*, *-ment*, como casos de gramaticalização de nomes, enquanto

Hopper e Traugott propõem um “*cline* de lexicalidade”, o que permite a hipótese de que consideram essas mudanças como processos de lexicalização.

Para Lehmann, a lexicalização envolve unificação; desse modo, a coalescência de dois morfemas gramaticais deve também ser considerada lexicalização. Assim, uma preposição essencial *de* é um item gramatical, enquanto **desde** <*des* + *de* é um item lexical. Tal item, uma vez lexicalizado, pode, então, experimentar a gramaticalização.

Enquanto Lehmann admite que a lexicalização precede a gramaticalização, Ramat (1992, p. 553-4) sugere que as preposições complexas são formadas por um processo de gramaticalização e, posteriormente, introduzidas no acervo lexical de uma língua.

A possibilidade de descrever os mesmos fenômenos como lexicalização ou gramaticalização deixa bem clara a semelhança entre os dois processos.

Brinton e Traugott (2005) afirmam que, além do fato de ambos os processos constituírem uma parte importante da capacidade linguística do falante para a construção da língua, a fusão e a desmotivação são fatores importantes, tanto na criação de itens gramaticais, quanto no enriquecimento do acervo lexical.

Devido a essas semelhanças, a lexicalização e a gramaticalização são consideradas, por vezes, como processos paralelos que operam em diferentes níveis da língua. Ambos os processos envolvem redução fonética, reanálise sintática, desmotivação, fossilização, convencionalização.

Castilho (2004), num artigo apresentado no Kolloquium, in Münster, 2003, assume que a língua é um multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado de uma forma radial, tendo ao centro o Léxico e à sua volta o Discurso, a Semântica e a Gramática.

O autor define o Léxico como um conjunto de propriedades abstratas, potenciais, prévias à enunciação, com base nas quais são construídos os traços semânticos inerentes. O Discurso, como o conjunto de usos linguísticos concretos, uma espécie de contrato social estabelecido linguisticamente. A Semântica, como a criação de significados, baseada em estratégias cognitivas, tais como o emolduramento da cena, a hierarquização de seus participantes, a organização do campo visual, a movimentação real ou fictícia dos participantes, sua reconstrução através da metáfora e da metonímia etc. A Gramática, como o conjunto de estruturas razoavelmente cristalizadas, ordenadas nos subconjuntos da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe, e governadas por regras de determinação interna.

A partir dessa concepção da língua, Castilho admite quatro processos de mudança linguística: a lexicalização, a discursivização, a semanticização e a gramaticalização.

No artigo “An approach to language as a complex system” (2009), Castilho admite os quatro módulos independentes e não mais um módulo central, o Léxico, do qual derivariam os demais, e explica que a lexicalização se refere à constituição do léxico, descartando a possibilidade de uma categoria ser proveniente de outra, como, por exemplo: N > Adv, Prep > Conj etc, como comumente sugerido nos estudos de gramaticalização.

A lexicalização, segundo o autor, abrange a etimologia, a derivação e o empréstimo lexical e caracteriza-se por:

- a) afetar unidades sintaticamente determinadas;
- b) ser proveniente de uma metonímia;
- c) alimentar o léxico.

A gramaticalização é compreendida como o processo em que o item lexical:

- 1) modifica seus traços fonológicos, morfológicos e sintáticos;
- 2) muda de classe gramatical;
- 3) torna-se uma forma presa;
- 4) pode desaparecer em função de uma cristalização extrema.

Uma vez que no processo de gramaticalização há não só a recategorização, a morfologização e a sintaticização, mas a aquisição de um novo conteúdo semântico e de uma nova função gramatical, o item gramaticalizado passa a ocupar um lugar no acervo lexical da língua.

Desse modo, a gramaticalização parece contribuir para a lexicalização.

Um outro ponto que merece consideração é o fato de se considerar a gramaticalização como um processo essencialmente metafórico e a lexicalização, um processo metonímico.

Na análise dos processos de gramaticalização empreendidos por 136 itens conjuncionais detectados em textos do século XIII ao século XX, puderam-se constatar algumas conjunções oriundas de processos metafóricos e outras provenientes de processos metonímicos, o que permite afirmar que, tanto na gramaticalização, quanto na lexicalização, ocorrem processos metafóricos e metonímicos, o que aliás já havia sido demonstrado por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991, p. 70-78). Os autores afirmam que, uma vez que a gramaticalização e a lexicalização são dois processos complementares da mudança linguística, esses dois processos podem ocorrer mediante duas estratégias cognitivas: a metáfora e a metonímia, embora uma dessas estratégias possa se sobressair num determinado processo.

A análise de certas expressões fixas revela também a presença de processos metafóricos e metonímicos.

Nesse sentido, para testar o limite entre os processos semânticos de gramaticalização e lexicalização, foram analisadas 12 lexias, dentre as 34 detectadas em exemplares do *Jornal do Brasil* e recolhidas por Isabella Fortunato, para a elaboração da dissertação de Mestrado intitulada *Expressões verbais semifixas no português contemporâneo*, defendida na Universidade Federal da Bahia. São as expressões: **abrir mão, lavar roupa suja, abrir espaço, escorrer pelo ralo, dar as cartas, chamar a atenção, colocar à margem, comprar briga, tomar conta, tomar decisão, dar conta do recado, dizer cobras e lagartos.**

Na expressão **abrir mão**, percebe-se claramente a transferência metafórica ocorrida na sua formação, pois, do sentido inicial de ‘abrir a mão’, num ato de relaxamento, permitindo deixar cair o que ela contém, passa-se a um sentido mais abstrato, o de ‘dar

dinheiro' (abrir a mão), e, com a elipse do artigo, ao sentido de 'desistir', que nada mais é do que assumir a posição relaxada, tornando-se inerte diante de um determinado fato.

O mesmo ocorre com as expressões 'lavar roupa suja', 'abrir espaço', 'escorrer pelo ralo', 'dar as cartas' e outras.

— lavar roupa suja > lavar roupa suja

↓	↓
sentido concreto: o sentido próprio de cada uma das palavras.	dizer coisas que não devem ser ditas por serem <i>sujas</i> , isto é, causarem vergonha

— abrir espaço > abrir o espaço > abrir espaço

↓	↓	↓
sentido concreto: 'fazer lugar'	'dar o lugar'	'dar oportunidade', 'proporcionar a realização de alguém ou de algo', o que significa fazer com que algo ou alguém ocupe um espaço em certo lugar.

— escorrer pelo ralo > escorrer pelo ralo

↓	↓
sentido concreto: 'desaparecer', 'sumir'	'perder', o que ocorre, quando algo desaparece ou some.

— dar as cartas > dar as cartas

↓	↓
sentido concreto: 'distribuir as cartas para algum jogo', 'tornar conhecidas do parceiro as cartas para o jogo'	'contar algo que se deseja saber', 'tornar algo conhecido'.

Em todas elas, as palavras se reúnem, inicialmente, conservando cada uma o seu conteúdo semântico de origem e, por um processo metafórico, assumem um novo conteúdo semântico, mais abstrato. Tornam-se cristalizadas e passam a pertencer ao léxico da língua. Vê-se, pois, a atuação do processo metafórico, considerado típico da gramaticalização, na constituição de itens lexicais.

Em outras expressões, como: **colocar à margem**, **comprar briga(s)**, **tomar conta**, **tomar decisão**, percebe-se que o novo conteúdo semântico de 'marginalizar', 'brigar', 'cuidar', 'decidir', respectivamente, é adquirido não pela transferência de um domínio A para um domínio B, mas por influência do conteúdo semântico do segundo termo, isto é, por um processo metonímico.

Há ainda expressões cujos termos ainda não estão devidamente cristalizados, permitindo entre eles a inserção de outros itens gramaticais ou lexicais. Além disso, os traços semânticos dos elementos componentes se conservam numa maior ou menor proporção.

Podem-se, com base na análise das lexias constituídas por V + SN, estabelecer quatro grupos, de acordo com o seu conteúdo semântico.

O grupo I, em que os elementos mantêm o conteúdo semântico de origem: ‘abrir espaço’, ‘abrir as portas’, ‘dar espaço’, ‘encerrar a carreira’;

O grupo II, em que, por um processo metonímico, o verbo perde o seu significado e assimila o conteúdo semântico do substantivo, seu complemento: ‘comprar briga’, ‘chamar a atenção’, ‘tomar decisão’;

O grupo III, em o verbo conserva o seu significado e a parte nominal se abstratiza: ‘dar conta do recado’, ‘dizer cobras e lagartos’;

O grupo IV, em que os termos perdem o significado, assumindo um novo sentido abstrato: ‘pé-de-moleque’.

Nesses dois últimos grupos, percebe-se a metaforização.

O que, então, caracteriza a lexicalização?

Como explica Lehmann, até bem pouco tempo, lexicalização e gramaticalização vinham sendo considerados processos alternativos experimentados pelos itens linguísticos. Contudo, como se pode verificar, os dois processos se complementam. As diferenças entre os dois processos se resumem, segundo o autor, a dois aspectos:

- 1) na gramaticalização, há um constituinte de Z, por exemplo Y, foco do processo, o qual se transforma num item gramatical; a lexicalização envolve o todo, a unidade complexa;
- 2) na gramaticalização, as relações internas se tornam mais restritas; na lexicalização, as relações internas se tornam irregulares e perdem-se. Daí porque a coalescência de dois morfemas gramaticais deve ser chamada de lexicalização.

A partir do que foi exposto, acredita-se que o que realmente parece distinguir os dois processos são o *input* e *output* de cada um deles, uma vez que os dois podem envolver mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas. Nos dois, podem estar presentes processos semânticos metafóricos ou metonímicos; as formas resultantes da gramaticalização ou da lexicalização passam a pertencer ao inventário da língua e até mesmo a recategorização apontada como característica da gramaticalização ocorre com as formas lexicalizadas, uma vez que nas lexias complexas as palavras perdem a classe gramatical, passando a constituir um todo, um determinado item lexical. Quanto à pressão pragmático-discursiva ou à reinterpretação induzida pelo contexto que, segundo Heine, Claudi e Hünemeyer, caracteriza a gramaticalização, permitindo também a extensão do sentido, ocorre na lexicalização em maior ou menor grau.

Assim, a lexicalização e a gramaticalização parecem constituir processos independentes que compartilham muitas características comuns.

Referências

- AWERA, Johan van der. More thoughts on degrammaticalization. In: WESCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). (2002) *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 19-29.
- BARRETO, Therezinha Maria de Mello (1999). *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. (2005). *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CABRERA, Juan C. M. (1998). On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, Anna G; HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 211-228.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2004). Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Org. 2004). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 203-230.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2009). An approach to language as a complex system. In: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). *História do português paulista*. Série Estudos, vol. 1. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. p. 119-136.
- COSTA, Sônia B. B. (2006). Cadeias de gramaticalização e lexicalização. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (Org.). *Para a história do português brasileiro. VI: novos dados, novas análises*. Tomo I. Salvador: EDUFBA. p. 297-311
- FORTUNATO, Isabella V. (2008). *Expressões verbais (mais ou menos) fixas no português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- HEINE, B.; CLAUDI, V.; HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- HOPPER, Paul (1998). The paradigm at the end of the universe. In: RAMAT, Anna G.; HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 147-158
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth (2003). *Grammaticalization*. 2 ed rev. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEHMANN, Christian (1982). Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch. *Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48*. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft.
- LEHMANN, Christian (2002). New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WESCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 01-29.
- RAMAT, Anna G. (1998). Testing the boundaries of grammaticalization. In: RAMAT, Anna G.; HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

